



Reitor
Zaki Akel Sobrinho

Vice-Reitor
Rogério Mulinari

Diretor da Editora UFPR
Gilberto de Castro

Conselho Editorial
Alexander Welker Biondo
Carlos Alberto Ulbrajara Gontarski
Ida Chapaval Pimentel
Jose Borges Neto
Luz Edison Fachin
Maria de Fátima Mantovani
Maria Rita de Assis Cesar
Mario Antonio Navarro da Silva
Quirino Dalmolin
Sergio Luz Meister Berleze
Sylvio Fausto Gil Filho
Ulrich Gregor Baranow

LINGUAGEM E DISCURSO

EUGENIO COSERIU
ÓSCAR LOUREDA LAMAS

TRADUÇÃO DE CECÍLIA INES ERTHAL

Renata Ferreira Barbosa
2019

LINGUAGEM
E DISCURSO

Obra publicada com apoio do Programa de
Pós-Graduação em Letras da UFPR

Coordenação editorial
Danielle Soares Carneiro

Revisão do grego
Fátima Domingues Ribas

Revisão técnica
Iara Bemquerer Costa
Odete Menon

Revisão final da tradução
Paulo Astor Soethe

Revisão da nova ortografia
Sheffany Chang
Vanessa Andrade

Projeto gráfico, capa e editoração
Rachel Cristina Pavim

Série *Filosofia*, n. 152

Coordenação de Processos Técnicos. Sistema de Bibliotecas. UFPR

CB34 Costeriu, Eugenio
*Linguagem e discurso / Eugenio Costeriu, Oscar
Loureda Lamas ; tradução de Cecília Inez Erthal. -
Curitiba : Ed. UFPR, 2010.
232p. (Série Filosofia, n. 152)*

Tradução de: *Linguage and discourse:
Index and bibliography* (p. 185-186)
ISBN 978-85-7335-215-3

I. Linguagem - Filosofia. 2. Análise do discurso. I.
Loureda Lamas, Oscar. II. Título. III. Série.

CDD-410

Atual Letra Junon - CDD 61934

ISBN 978-85-7335-215-3
Ref. 551

Direitos reservados à
Editora UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar, Centro
Tel.: (41) 3360-7489 / Fax: (41) 3360-7486

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

Caixa Postal 17.309

80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil

2010

SUMÁRIO

Prólogo (Johannes Kabatek) / 7

Apresentação / 13

I. A linguagem entre *φύσις* e *θέσις* / 25

II. Linguagem e política / 45

III. A linguística do texto como hermenêutica do sentido / 73

IV. *Orationis fundamenta*, a prece como texto / 77

V. Informação e literatura / 105

VI. Jornalismo e História / 123

VII. Texto, valores e ensino / 137

VIII. Fundamentos de uma linguística do texto real e funcional
(Oscar Loureda Lamas) / 155

Referências / 185

Índice de conteúdos / 187

Índice onomástico / 227

III

A LINGUÍSTICA DO TEXTO COMO HERMENÊUTICA DO SENTIDO

1. Na epistemologia implícita ou explícita da linguística atual é preciso considerar a linguística do texto como linguística *geral* (ciência geral dos textos) *aplicada* aos textos individuais. Isto não é aceitável sem distinções, já que na linguística do texto, pela própria natureza de seu objeto, o individual se dá antes (e é base) do geral. O próprio sentido de linguística do texto, seu alcance e seus limites, também com relação à literatura e à 'ideologia', só podem ser estabelecidos de forma satisfatória a partir do fato de que tal linguística diz respeito ao plano por excelência individual dos discursos.

2. De fato, com relação ao individual considerado em si mesmo ('objetos', não 'conceitos' ou 'classes'), não pode haver ciência geral, mas apenas descrição e análise: apenas *um* objeto pode ser analisado e descrito.

3.1. Um discurso é um fato semiótico: consta de signos, ou melhor, de 'significantes' que apontam para um 'conceito', o qual, por sua vez, não se apresenta como tal no mesmo discurso considerado em sua realidade exterior e empiricamente comprovável. Por isso, como em todo domínio

dos feitos semióticos, analisar e descrever um discurso propriamente interpretá-lo; ou seja, identificar de forma embasada o conteúdo ao que aponta (ou ao que expressa). Neste sentido, a linguística do texto – como, por outro lado, toda linguística relativa às duas faces dos signos – é hermenêutica, revelação sistemática e embasada de um conteúdo; precisamente, neste caso, hermenêutica do discurso (ou 'texto').

3.2.1. Existem três tipos de conteúdo linguístico: designação, significado e sentido. A designação é a referência à realidade 'extralinguística', ou à própria realidade (enquanto 'representação', 'fato', 'estado de coisas'), independentemente de sua estruturação por meio desta ou daquela língua, e é própria do falar em geral. O significado é o conteúdo dado em cada caso por uma língua determinada. O sentido é o conteúdo próprio de um discurso enquanto manifestado pela designação e pelo significado: a atitude humana que o discurso implica ou o objetivo com que se realiza. Assim, por exemplo, 'pergunta', 'resposta', 'ordem', 'súplica', 'convite', 'recusa', 'cumprimento', 'confirmação' são unidades mínimas de sentido. Consequentemente, a linguística do texto é hermenêutica do sentido, assim como a linguística do falar é hermenêutica da designação e a linguística das línguas, hermenêutica do significado.

3.2.2. No sentido, a relação semiótica é dupla: por um lado, os signos significam algo (na língua) e designam algo (como 'extralinguístico'); e, por outro lado, o significado e designado pelos signos funciona, por sua vez, como 'significante' para um conteúdo de segunda ordem, que é exatamente o sentido. Portanto, a hermenêutica do sentido implica como prévio o conhecimento do significado e da designação e, com isso, as hermenêuticas correspondentes. Por outro lado, em um discurso complexo, as unidades de sentido se combinam ('articulam') umas com as outras em unidades de nível cada vez mais elevado, até o sentido global do discurso considerado. A interpretação de um discurso deve ser, portanto, em cada caso, comprovação fundamentada e justificação da articulação do sentido.

3.2.3. Justificar o sentido no texto significa, então, levar o conteúdo já compreendido a uma determinada expressão: mostrar que ao significado do macro-sígnio no texto corresponde uma expressão específica.

3.3. O sentido não se dá apenas nos discursos, mas em todos os discursos, não apenas nos literários. Contudo, o texto literário ocupa, em relação a isso, uma posição privilegiada, já que a poesia (a literatura como arte) é o lugar da plenitude funcional da linguagem; do desdobramento máximo de suas possibilidades⁵⁹. Por isso, a linguística do texto é (ou deve ser) em primeiro lugar hermenêutica literária. Mas, na medida em que todo os textos não literários, examinando a redução particular das possibilidades de desdobramento de sentido que se dá neles. Deste ponto de vista, a linguística do texto coincide com a estilística dos textos; mais exatamente, a compreende, porque vai além dos textos literários, do mesmo modo que costumeiramente se denomina filologia.

4.1. Como toda hermenêutica, a linguística do texto implica uma metodologia e uma heurística, e são estas que constituem seu aspecto 'geral'. Na heurística, particularmente, trata-se de estabelecer o registro do que se pode esperar, ou seja, dos tipos comprovados ou possíveis de sentido e dos procedimentos que costumam acarretá-los, ou os acarretaram em discursos já experimentados⁶⁰. Tal registro deve, contudo, ser entendido como 'aberto': em novos textos poderão ser identificados novos procedimentos e tipos de sentido, ou sentidos novos de procedimentos já comprovados.

4.2. Ao contrário do que se pensa, isso não constitui nenhuma limitação da linguística do texto e não se apresenta de outro modo na descrição das línguas. Também neste caso, a 'gramática geral' é, na realidade, heurística, registro aberto de possibilidades, e a descrição dessa língua e dos procedimentos que as manifestam. A ilusão de que a gramática seja ciência propriamente dita e não hermenêutica depende do fato de a heurística gramatical estar muito mais adiantada que a textual, ou seja, de conhecermos já um grande número de possibilidades do significado e de procedimentos

⁵⁹ Cf. minhas "Tesis sobre el tema 'lenguaje y poesía'", In: COSERIU, E. El hombre y su lenguaje, Madrid: Gredos, 1977, p. 201-207.

⁶⁰ Cf. meu livro Textlinguistik. Eine Einführung, Tübinga: Gunter Narr, 1980. Anthropos apteros for days Walked whistling round and round the Maze., p. 68-111.

expressivos, de tal modo que, em línguas ainda não estudadas, encontramos na maioria das vezes tipos de significado e procedimentos já comprovados em outras línguas. A diferença real é antes de índole quantitativa: reside no fato de a variedade dos textos ser muito superior à variedade das línguas.

5.1. Um discurso é um evento de falar. Mas o falar é uma atividade complexa que vai além do linguístico no sentido estrito; não se fala só com signos linguísticos (pertencentes a uma determinada língua), mas também mediante atividades expressivas complementares, de acordo com determinados princípios gerais do pensar e de acordo com o conhecimento das 'coisas', melhor dizendo, de ideias e crenças acerca das 'coisas', de determinada 'ideologia' (estratificada numa série de 'ideologias' de alcance mais ou menos amplo), tudo contribuindo para o conteúdo dos discursos.

5.2. Neste sentido, todo discurso 'reflete' (isto é, manifesta) uma ideologia, exatamente do mesmo modo que uma língua (ou várias línguas) a manifesta: trata-se de uma ideologia 'instrumental', que pertence ao significante dos discursos.

5.3. Desta ideologia com que são feitos os discursos, é preciso distinguir a ideologia que é feita nos discursos e que não pertence a seu 'significante', mas a seu 'significado', isto é, ao seu *sentido*. No texto literário, tal ideologia pode corresponder a (ou seja, acabar re-interpretável em termos de) uma ideologia 'comum' ou 'geral', mas enquanto literariamente manifestada, é sempre 'singular', isto é, ao mesmo tempo individual e universal (cf. V § 2. 8).

6. Alguns exemplos de hermenêutica literária em relação às duas ideologias podem ser vistas neste volume (cf. VII § 3.2. -3.2.4.)⁵⁷.



⁵⁷ Apresentei estas e outras análises de poesia grega, de Cervantes, de Kafka e de poesia popular em meu *Textlinguistik. Eine Einführung*. Tübinga: Gunter Narr, 1980, p. 126-140.